

SILVEIRA SANTOS ESCREVE

A CRÔNICA DA CIDADE

Foi agora pouco.

A chuva já havia caído um pouquinho pela manhã,

Mas, mesmo assim, na rua Paraná havia bastante gente.

E só foi a garôa parar por alguns instantes, para que nós saíssemos e viéssemos nos unir com a turma tôda que se encontrava por perto dos cafezinhos.

E, engraçado!, só foi chover um pouco para que a temperatura caísse ligeiramente e o movimento nos dois cafezinhos da rua Paraná, aumentasse bastante.

E foi mesmo agora pouco que nós saímos.

Saímos, tomamos o nosso café de dez cruzeiros e ficamos conversando.

E conversa-vai, conversa-vem, fomos falando de tudo sem que notássemos o tempo que ia passando.

Até que, ao longe, um vulto nos chamou a atenção.

Talvez que pela sua maneira de andar ou quem sabe pela bengala que lhe servia de apôio, o fato é que ele nos despertou a atenção e não pudemos evitar de olhar curiosamente em sua direção.

E lentamente, com passos calmos e medidos ele vinha caminhando, sem pressa...

E perto de cada pessoa que ele encontrava, ele estendia a mão. Parecia pedir uma esmola.

Alguns, ao verem-no parado, olhavam-no intrigado.

Sim, pois mesmo de longe nós podíamos notar que ele parecia ser ainda bastante moço.

E um moço pode trabalhar, seria o pensamento de muitos que por ele eram interpelados.

E, recebendo ou não a esmola, ele prosseguia devagar em seu caminhar.

Até que foi se aproximando de nós.

Estendeu a sua mão trêmula, recebeu a esmola, agradeceu e
prosseguiu andando, sempre apoiado na bengala.

E só então pudemos notar.

Só então pudemos observar o seu caminhar descompassado, o
seu corpo incontrolável e seus braços trêmulos.

E nós, que não somos médicos e nada entendemos de medicina,
ficamos a meditar que provavelmente seria uma das vítimas de
uma das mais tristes doenças que se tem notícia, a chamada
doença de São Guido.

Por isso, se agora êle estiver batendo na porta de sua casa,
não lhe recuse a esmola ou o prato de comida, pois aquele po-
bre homem bem necessita de nosso auxílio...